

Bodas de Diamante do Escutismo em Lomar ¹

CARLOS ALBERTO PEREIRA
(DIRIGENTE DO CNE)

O Agrupamento de Lomar celebrará, no dia 8 de dezembro de 2020 as bodas de diamante. Estamos certos que, 20 anos depois de terem escritas, pelo então chefe de Agrupamento, Manuel António Esteves, no livro “Memórias do Passado”, em 2000, na comemoração do 55º aniversário, num magnífico artigo, estas palavras continuam atuais: «Celebrar cinquenta e cinco anos de forma cristã, (...) é sentirmo-nos e reconhecermo-nos todos como membros de uma história, vivida, escrita e contada, através dos anos, por muita gente e de formas diferentes, mas que é a história do CNE. (...) Celebrar o presente é ser fiel ao passado e responsável pelo futuro do CNE.

Quem somos, donde viemos, para onde vamos? – Somos um povo que caminha...» Em bom rigor, o caminho para a fundação desta Unidade iniciou-se quando o chefe Manuel Macedo, do Grupo III, se dispôs a dar corpo ao desejo do Pe. Armando Vieira Gonçalves, pároco de Lomar e primeiro Assistente do Agrupamento. Este dirigente, que integrava a equipa de expansão da Região de Braga, escolheu, com a ajuda do pároco, 13 rapazes e, em maio de 1945, iniciou o trabalho da criação do Agrupamento. Nos dias 28 e 29 de julho de 1945, estes jovens realizavam o primeiro acampamento, no monte do Dr. Palha, em Lomar, gentilmente cedido pelo proprietário e que os aspirantes a Exploradores deixaram “limpinho como um brinco”.



Em agosto de 1947 o Agrupamento participa no acampamento de verão, em Fão, na companhia do Agrupamento III, sob a chefia de Manuel Macedo. Em 1949, de 13 a 23 de agosto, na mata do Bom Jesus, integrados no contingente da Região de Braga, os escuteiros de Lomar fa-

zem a sua estreia no VIII acampamento nacional. Com a inauguração da nova Igreja paroquial, a antiga Igreja foi confiada, em 1983, aos escuteiros, para nela se instalarem. As obras de manutenção têm sido feitas com algumas dificuldades, mas onde todos colaboram, assim se materializa o verso de

Fernando Pessoa «Deus quer, o homem sonha e a obra nasce». Em 1997 o Agrupamento dá à estampa o primeiro número do jornal “Fogo de Conselho”. De 23 a 25 de julho de 1999 os escuteiros de Lomar participaram no último Acampamento do Núcleo de Braga do século XX, com

o tema: “Os quatro elementos da Natureza – o Ar, a Terra, a Água e o Fogo”. Pedimos emprestadas as palavras do Pe. Adérito Ribeiro, antigo Assistente de Agrupamento, entre 1965 e 2012, que este deixou, na referida publicação, como testemunho e conselho: «para todos os jovens e famílias, e para toda a sociedade, o Escutismo continua a ser um espaço de ideias nobres, de valores imperecíveis e de alicerces seguros para um futuro mais promissor, mais alegre, mais humano e mais cristão», para afirmarmos que o agrupamento de Lomar é, de facto, um povo que caminha...

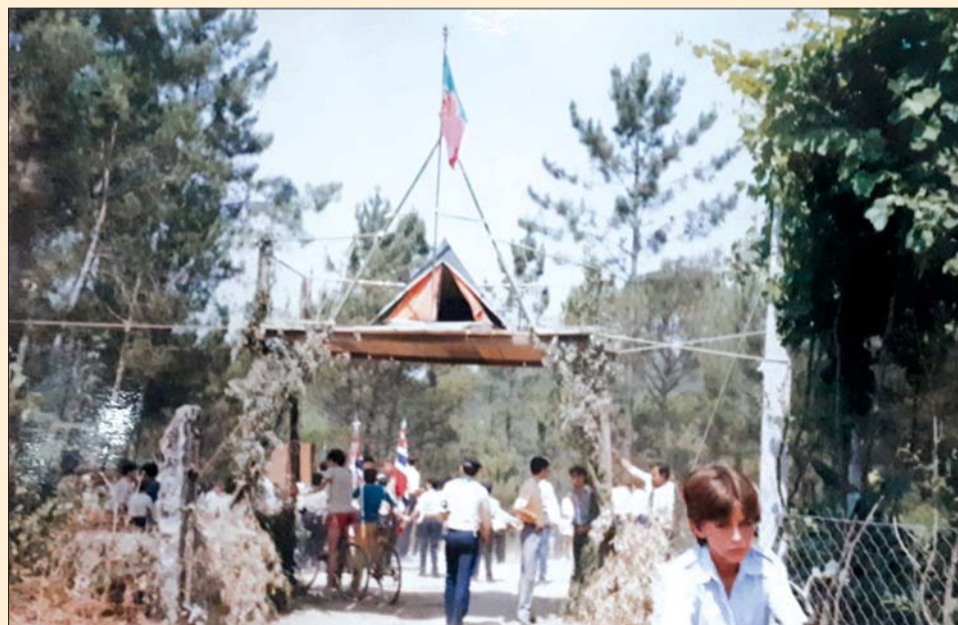
¹ - Texto inspirado a partir do livro “Memórias do Passado”, editado pelo Agrupamento de Lomar, em 2000.

Histórias de quando era explorador

JOSÉ PINTO
(DIRIGENTE DO CNE)

Não me lembro quem era o chefe de núcleo, pois já lá vão uns 42 anos, mas era uma atividade de Núcleo (ou de zona), programada para a Serra do Gerês. Teve início num sábado por volta das 16h, num dos meses de verão, com uma Eucaristia em Lago. Ao fim da celebração, partimos para o Gerês de Autocarro. Quando lá chegamos, à zona de Vilarinho das Furnas, o autocarro parou e o chefe do mesmo ordenou que a patrulha de Lago composta por 4 elementos, saísse para dar início à sua caminhada. Deram-nos uma carta topográfica e uma bússola, que na altura não fazíamos grande ideia de como se usava, e indicaram o local para o qual nos te-

riamos de deslocar. Local esse que era a Casa da Floresta de Leonte. Iniciamos a nossa caminhada, cheios de vontade e coragem, partimos em direção à Mata da Albergaria. Quando anoiteceu, apercebemo-nos que éramos apenas 4 miúdos, com idades entre os 11 e os 14 anos. Por volta da meia-noite, começamos a ouvir uns barulhos estranhos que eram, nem mais nem menos, uivos de lobos que, embora bem distantes, nos fizeram ficar mais unidos que nunca. Rapidamente atámos as nossas facas de mato à ponta das varas. Viesses quem viesse, estávamos protegidos, bem encostadinhos uns aos outros. Andamos assim, cheios de medo, a ouvir os lobos ao longe e sem saber como chegar à casa de Leonte. Passava das 3 horas da



manhã e foi uma enorme alegria quando vimos várias tendas à volta da casa e uma pequena fogueira com uma panela em cima. Rapidamente se acercaram alguns dirigentes que nos deram as boas-vindas, e quiseram saber vários pormenores

acerca da nossa aventura. Entretanto, abeirou-se o chefe Macedo que nos ofereceu um chá e umas bolachas e que aceitamos de bom grado, mas muito surpreendidos por ele mexer o chá na panela com uma grande canhotá acabada de retirar do brasei-

ro. Depois, montámos a nossa tenda e dormimos o sono dos justos, até cerca das 7 horas, hora a que chegou um táxi, trazendo uma patrulha que se perdera e fora parar para lá da fronteira. Eram cerca das 9 horas de domingo quando inicia-

mos a segunda parte desta caminhada. Tínhamos que ir à Pedra Bela e estar, às 17 horas, no centro da Vila do Gerês, para que não perdéssemos o autocarro. No percurso de subida, passou o Chefe Faria com a sua pequena carrinha cheia de material. Pedimos-lhe boleia e ele prontificou-se a transportar-nos. Mandou-nos entrar para a mala e, mesmo com tanta tralha, lá nos acomodamos e partimos. Momentos depois, o chefe parou e mandou-nos continuar a pé, já não faltava muito para chegar à Pedra Bela, onde nos deparamos com a esplendida paisagem que nunca tínhamos sonhado contemplar. Há atividades que nunca se perdem na memória, e esta com certeza é uma delas!